



FÓRUM DE EDITORES DE PERIÓDICOS CIENTÍFICOS DA ÁREA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

CARTA DE PORTO ALEGRE

Os periódicos científicos nascem na alvorada da ciência moderna no Século XVII e se estabelecem definitivamente a partir do Século XX. Eles são mais que repositórios de artigos. Periódicos científicos servem à comunicação, ao diálogo, ao contraponto entre uma e outra visão ou tendência. Eles se constituem em arenas em que as informações são confrontadas, evidências contestadas, ou confirmadas. Assim, eles divulgam e indicam caminhos, levantam problemas, sugerem soluções. Sobre tudo, os periódicos constituem o registro vivo e dinâmico da aventura do conhecer em sua constante dúvida metódica, pondo a lume a provisoriedade que faz do conhecimento científico um corpo vivo e sempre em renovação e inovação. Na sua lida, periódicos científicos também fazem e implementam políticas científicas. Os periódicos por meio de seus editores e corpo editorial convidam a comunidade a levantar questões, indicar caminhos, buscar consensos, desafiar consensos, tudo com o sentido de se avançar o conhecimento com rigor, consistência e profundidade, para transformar para melhor a sociedade.

Foi nesse espírito que nos dias 28 e 29 de novembro, reuniram-se, em Porto Alegre, um grupo de editores¹ de periódicos científi-

cos da área de Educação Física para saudar os 25 anos da revista Movimento da ESEFID-UFRGS e na oportunidade debater os rumos do periodismo científico no Brasil. O encontro foi oportuno face ao cenário de adversidade para a ciência brasileira, não tanto pelos poucos recursos para o fomento científico (recursos para ciência brasileira nunca foram abundantes), mas pela política científica atual que é muito mais uma política anticientífica.

Os editores reunidos se identificaram enquanto grupo para formar e forjar um fórum, o Fórum Nacional de Editores de Periódicos Científicos da Educação Física – FNEPCEF - cuja finalidade é ser um fórum permanente aberto às questões relacionadas aos periódicos da área de Educação Física, cujo principal é “promover o intercâmbio entre editores de periódicos, estimulando a cooperação e solidariedade institucional, com vistas a impulsionar a qualidade da política de publicação na perspectiva da Educação Física, Esportes e Lazer”. Trata-se de um fórum, diretamente articulado ao conhecimento produzido no âmbito do CBCE e, nesse sentido, aberto à participação de editores, coeditores e demais profissionais envolvidos nos processos de editoração de todos os periódicos brasileiros da área da Edu-

¹ Grupo responsável pela produção dessa carta, construída a partir de anotações e esboços disponibilizados pelo prof. Dr. Edison de Jesus Manuel (EEFE/USP).

cação Física, tanto dos Programas de Pós-Graduação, das instituições de educação superior, quanto das associações da área de Educação Física, Esportes e Lazer, dos Sindicatos, das escolas públicas, privadas, confessionais e entidades afins

Dentre as falas, apresentações e discussões, formou-se consenso de que os periódicos científicos como espaços de formação de conhecimento adquiriram uma centralidade na ciência que pede um olhar especial para quem faz e o que se faz nos periódicos. Como veículos de divulgação acadêmica, os periódicos são elementos importantes na usina do conhecimento. Há uma reciprocidade entre o avanço das áreas científicas e dos periódicos que as nutrem. A consolidação das áreas científicas se dá na direta relação em que existem periódicos científicos que abarcam os esforços de pesquisa das pesquisadoras e pesquisadores das áreas. A consolidação não se dá na lógica comumente citada e conhecida atualmente dos indicadores de impacto que mensuram o fluxo de informações em determinados canais. Ao contrário, a consolidação é alicerçada nas editoriais das revistas que induzem o interesse dos pesquisadores para vários problemas científicos, na construção do debate e diálogo qualificado entre os membros da comunidade científica. Assim, discutir os rumos do periodismo científico em nossa área, Educação Física, implica na reflexão sobre os rumos dessa área.

No fórum de Porto Alegre foram identificadas algumas frentes importantes para avançarmos com o periodismo científico no campo da Educação Física:

- Primeiro, a escassez do financiamento para os periódicos atingiu um momento crítico. O último edital de fomento foi lançado em 2018. Cabe ressaltar, que nossos periódicos não são peças de consumo detidas por empresas com fins lucrativos (como aliás tem acontecido em larga esca-

la mundial). Desde sempre as políticas de periódicos científicos no Brasil privilegiam o acesso universal aos artigos sendo, portanto, fonte de formação de estudantes de graduação e pós-graduação, além de cumprir com sua finalidade principal: universalizar e promover o debate científico e o avanço do conhecimento. A política de avaliação da CAPES trata como direta a relação entre qualidade de um programa e as publicações que ele produz. Todavia, sem periódicos fortes e consolidados fica difícil estabelecer essa correlação. Ainda que de modo não intencional (assim acreditamos), a política de avaliação ao dar ênfase a indicadores bibliométricos internacionais de fluxo de informação, que privilegiam as revistas de língua inglesa, acabam por induzir docentes a enviarem um número consideravelmente menor de artigos às revistas que têm menos chance de emplacar em indicadores privilegiados pelos critérios de avaliação, normalmente as revistas nacionais. Forma-se um círculo vicioso que a médio e longo prazo tendem a levar os periódicos nacionais à extinção. Num mecanismo ainda mais perverso, a abertura recente de editais de fomento ao periodismo coloca como pré-requisito a indexação em mais de uma base. A exigência exorbita de seu papel de qualificar a propostas para o edital quando este ainda se pauta por aquilo que está presente em bases internacionais de fundo privado situadas nos Estados Unidos e Europa e com a exigência da língua inglesa para as publicações. A perversidade é a de que uma política delineada para promover o conhecimento, mata-o pela raiz. É evidente que a CAPES irá colocar que sua missão precípua é a de formar recursos humanos e não fomentar a edição de periódicos. Todavia, a relação direta entre o grau de consolidação de uma área e a existência de periódicos de qualidade não

permite que a política brasileira de avaliação da pós-graduação se faça sem qualquer consideração com o estado dos periódicos científicos nacionais. Os periódicos nacionais são verdadeiras escolas de formação de autores. Mesmo aqueles que publicam em periódicos internacionais com maiores índices de impacto, um dia também experimentaram o processo de publicação nos periódicos nacionais. Urge olhar com cuidado para o periodismo científico nacional. A história recente da ciência brasileira está repleta de exemplos em que áreas se internacionalizaram a partir de periódicos nacionais produzidos com o rigor equivalente aos melhores periódicos internacionais. Atualmente, há avanços importantes no periodismo representado pelo conceito de Ciência Aberta. Olhar para ela é olhar para frente, para o futuro do debate qualificado da ciência de um modo cada vez mais transparente, equilibrado e democrático.

- Segundo, a discussão anterior remete à necessidade de valorizar a língua portuguesa na divulgação científica. A ânsia em se maximizar o impacto de periódicos tem feito com que se invista num sofisticado aparato de tradução para publicar em língua inglesa, que além de extremamente oneroso para o autor, pode levar à paulatina diminuição do uso da língua portuguesa também na produção dos textos. Além da desvalorização da língua nacional, há também tremenda desvantagem para os autores que não têm o inglês como primeira língua em relação aos nativos, que veem seus artigos recusados muitas vezes pelo fato de o inglês não ser suficientemente claro. Cabe ressaltar que um periódico científico é uma publicação que expressa uma forma de ver o mundo, de tratar dos problemas que fazem sentido a uma comunidade, comunidade historicamente e culturalmente

situada. Não raro, vemos a invocação da suposta neutralidade da ciência para justificar que periódicos sejam tábuas frias de sentido e significado. Não há maior equívoco para com a atividade científica em qualquer área ou ciência. Assumir tal neutralidade é incorrer no risco de não reconhecer que aquilo que se escreve é sempre escrito por alguém com crenças, desejos e expectativas, num contexto. Desconsiderar isso é um passo para que um deixe de ser vigilante para com suas preferências e influências. A língua nativa de cada um e de todos é alma da expressão de um povo, de uma comunidade. Ao dar nomes e construir argumentos dentro de sua lógica uma língua expressa sentidos e significados fundamentais para compreensão humana. Uma das formas em que as línguas mais se diferenciam é na construção das relações temporais, de causa e efeito. A exigência de se utilizar uma única língua para comunicação científica pode parecer facilitar essa comunicação, todavia a reduz em riqueza de construção argumentativa, como diz não à diversidade de termos e construções gramaticais que permitem novos raciocínios, abrem perspectivas para uma outra racionalidade. É necessário ponderar sobre o papel da diversidade das línguas na construção do pensamento científico. Se assim não fosse, as traduções seriam triviais.

- Terceiro, a formação editorial surgiu como um tópico novo e premente para avançar o periodismo científico com qualidade. Já faz algum tempo que os programas de pós-graduação reconheceram que a formação para docência era deficitária. Desde esse reconhecimento, passou a haver a preocupação de oferecer ao estudante disciplinas e oficinas de docência. No fórum de Porto Alegre houve a manifestação de editores quanto à dificuldade de con-

tar com bons pareceres. O bom parecer é aquele em que o consultor não só domina a área em que o manuscrito sob avaliação se situa, mas consegue entender a complexidade do processo de comunicação científica. É aquele que consegue se colocar na posição de quem relata o estudo. Ao olhar por dentro da pesquisa relatada, consegue identificar o que não está claro, o que compromete a comunicação, etc. Se a pós-graduação ainda tem uma dívida para com a formação docente, o débito é ainda maior na formação do leitor crítico capaz de dialogar. Ao destacar a importância dos editores e dos pareceristas, todos docentes e pesquisadores, vale lembrar que seu papel raras vezes é considerado na produção do conhecimento. Trata-se deles como se fizessem um trabalho mecânico de triagem. Seu papel é crucial no resultado final que chega às mãos do leitor. Editores e pareceristas qualificam e avalizam as informações científicas que circulam, todavia, sua atuação é negligenciada pelos mecanismos de avaliação intelectual seja pelas universidades, pelas agências de fomento, pelos órgãos e comissões de avaliação.

- Quarto, abarcar a diversidade dos periódicos. A área de educação física cobre áreas da biodinâmica, sociocultural e pedagógica. Assim, os periódicos cobrem esse amplo espectro. Essa diversidade para muitos é um problema já que do ponto de vista estratégico seria mais interessante investir numa subárea e com isso injetar manuscritos em duas ou três revistas. Fazer isso é ceifar a área de sua riqueza em abordagens, olhares, métodos e modos de acessar o mundo e interpretá-lo. Como um investimento acadêmico é mais vantajoso ter essa diversidade em áreas e publicações. Os periódicos cumprem assim seu papel não só de dar vazão a um número grande artigos,

mas sobretudo mostrar que a educação física não se rende a apenas um olhar, mas se constrói por meio de muitos olhares.

Em contraste com a reconhecida importância dos periódicos científicos para o avanço da ciência, o Fórum levantou e discutiu as políticas das agências científicas, em particular da CAPES, que tem sistematicamente posto em prática propostas que diretamente ou indiretamente colocam em risco a sustentabilidade dos periódicos que no melhor do espírito republicano se pautam pelo acesso livre e irrestrito do conhecimento científico a todos. Além disso, essas agências têm usado de indicadores para gerar uma forma de estratificação/classificação de periódicos que pouco ou nenhum sentido faz para a produção do conhecimento científico que supostamente essas políticas deveriam estimular. Como exemplos, podemos citar em anos recentes o uso de fatores de impacto que tratam do fluxo de informações (sem considerar o seu conteúdo) dentro de uma área ou temática como indicadores de avaliação para julgar a produção intelectual. A avaliação intelectual é capturada por um indicador de produção que efetivamente não diz nada sobre a qualidade da produção, mas sim da capilaridade do veículo da informação publicada. Assim, os fatores de impactos são travestidos de juízos sobre o valor do que neles se publica. Não bastasse isso, usam-se como indicadores fatores e índices de maior valor absoluto em termos numéricos, notadamente os das ciências naturais, cujo fluxo de informações por periódicos é muito distinto do fluxo das ciências sociais e humanas, diferença que nada tem a ver com qualidade, mas sim com a cultura de cada uma dessas ciências. O uso indiscriminado desses fatores como indicadores ao invés de informar a avaliação acaba por distorcê-la. Reforça-se a distinção pejorativa entre ciências naturais e humanas que só tem a obstruir o desenvolvimento científico amplo e diverso.

Recentemente, a CAPES instituiu um novo organograma com Colégios a partir de áreas mães. A educação física está situada no Colégio da Vida cujo vínculo com a ciência mãe é as ciências biológicas. Todavia, a educação se caracteriza como uma área que abarca um amplo espectro de orientação científica que vai ciências naturais às ciências sociais e humanas. Nesse novo organograma, a educação física tende a sofrer ainda mais na medida em que a régua a ser privilegiada no colégio é a das ciências naturais. A metáfora do “sarrafo” tão usada na avaliação omite o fato de que ao subi-lo trata diferentes como iguais, o uso de uma determinada métrica reconhece, no entanto, que alguns “são mais iguais do que os outros”. O problema não será novo pois o mesmo já ocorria quando ela estava dentro da Grande Área da Saúde capitaneada pelas ciências biomédicas. Agora ao que tudo indica o abismo de critérios entre áreas mais fortes e tradicionais do Colégio da Vida e a educação física será ainda maior. Se uma mensagem pontual pode ser levantada dos debates do Fórum é a de que a educação física e toda a Área 21 deveria cuidar para que na avaliação de sua produção em periódicos levassem em conta que o anúncio recente de um sistema único de classificação de periódicos no Qualis referência terá o efeito de rebaixar os periódicos nacionais e de áreas não afeitas às ciências naturais. Embora não se afirme, há um sentido oculto de que esse “novo” Qualis projetará uma nova realidade de qualidade entre as áreas ao tornar fatores de impacto em indicadores, e esses se tornarem a avaliação em si. Os efeitos a médio prazo são deveras preocupantes. Há o risco do esvaziamento dos periódicos nacionais na medida em que os docentes e pesquisadores se verão obrigados a investir na publicação de seus trabalhos em periódicos internacionais e fora, senão distantes da área. A provável redução do número de periódicos nacionais irá contrastar com o movimento de ampliação do

Sistema Nacional de Pós-Graduação com a reconhecimento de novos programas. Com isso poderá haver o represamento das produções de docentes e estudantes dos programas, provocando e acirrando a busca pelos periódicos predatórios.

Finalmente, o Fórum reconhece que apesar de sua especificidade relativa à edição de periódicos, a sua temática se intersecciona com outros processos e demanda uma atuação em rede de modo mais efetivo. Nesse sentido, é preciso estabelecer uma agenda de encontros e debates em sítios específicos e pertinente como nossa participação nos encontros da Associação Brasileira de Editores Científicos (ABEC). Mas também alinhar encontros com os Fóruns das áreas sociocultural e pedagógica, bem como os do CBCE, para que inclusive se entenda que a questão do periódico é muito mais que discutir estratos em que são colocados os periódicos, eles não dão simplesmente vazão ao conhecimento, mas formam o conhecimento, eles não são meramente objetos de consumo para fichamento, mas eles são formadores de leitores e autores na graduação e na pós-graduação. Ninguém faz ciência sozinho, ela se faz na discussão, no diálogo, na reflexão, na leitura e na replicação. Os periódicos científicos são meios e fins da ação científica. Urge retomar, assumir, promulgar a centralidade que eles têm na ciência, na formação científica e no avanço do conhecimento. Nem mais nem menos. É tempo para um descolamento do que se faz nos periódicos científicos e as idas e vindas das medidas de avaliação da CAPES. Essas medidas ao sabor de disputas internas e externas à Área 21 na procura de se ter maiores fatias dos recursos para fomento tem muito pouco a ver com o que é mais caro ao periodismo científico brasileiro: o avanço e a consolidação do conhecimento científico.

Porto Alegre, 29 de novembro de 2019.